

## **Tecnologias digitais nas práticas de cuidado e cura do Coletivo Saberes e Fazeres Curativos, do Quilombo de Mata Cavallo, Mato Grosso**

Daniele Trevisan<sup>1</sup>, Edson Caetano<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este texto se ocupa da reflexão acerca das pesquisas empíricas desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedeadas e benzedores do Quilombo de Mata Cavallo/Nossa Senhora do Livramento/MT”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação da Universidade do Mato Grosso (GEPTE/UFTM). Caracteriza-se como uma pesquisa de cunho qualitativo e metodologia de pesquisa participante na qual buscamos identificar os sentidos possíveis para o uso das mídias digitais no contexto de compartilhamento de práticas tradicionais de cuidado e cura desenvolvidas pelo Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavallo. Objetivamos refletir o processo de incorporação e utilização das tecnologias nas práticas no âmbito do projeto, bem como os limites de tal utilização diante dos tempos, espaços e lugares socioculturais em que os sujeitos estão inseridos.

### **Palavras-chave**

Saberes Tradicionais. Medicina Popular. Cuidado e Cura. Quilombola. Tecnologias Digitais.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil; membro do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos sobre Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (LêTece/UFMT) e Dados Além da Vida (DAVI/UFMT); professora efetiva da rede estadual de educação de Porto dos Gaúchos, Mato Grosso, Brasil. E-mail: daniele.tr@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil; professor associado IV do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil; líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (UFMT). E-mail: caetanoedson@hotmail.com.

## **Digital technologies in the care and cure practices of the Curative Knowledge and Doings of the Quilombo de Mata Cavalo, Mato Grosso, Brazil**

Daniele Trevisan<sup>3</sup>, Edson Caetano<sup>4</sup>

### **Abstract**

This text deals with the reflection on the empirical research developed within the scope of the project “Traditional knowledge and the right of recognition of faith healers and healers of the Quilombo de Mata Cavalo/Nossa Senhora do Livramento/MT”, developed by the Group of Studies and Research on Work and Education (GEPTE), Federal University of Mato Grosso, Brazil. It is characterized as a qualitative research and participatory research methodology in which we seek to identify the possible meanings for the use of digital media in the context of sharing traditional practices of care and healing developed by the Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavalo. We aim to reflect on the process of incorporation and use of technologies in practices within the project, as well as the limits of such use in the face of times, spaces and sociocultural places in which the subjects are inserted.

### **Keywords**

Traditional Knowledge. Folk Medicine. Care and Healing. Quilombola. Digital Technologies.

---

<sup>3</sup> PhD student in Education, Federal University of Mato Grosso, State of Mato Grosso, Brazil; member of the Research Group Research Laboratory for Studies on Information and Communication Technologies in Education (LêTece/UFMT) and Data Beyond Life (DAVI/UFMT); effective teacher of the state education network of Porto dos Gaúchos, State of Mato Grosso, Brazil. E-mail: daniele.tr@hotmail.com.

<sup>4</sup> PhD in Education, State University of Campinas, State of São Paulo, Brazil; associate professor IV at the Institute of Education, Federal University of Mato Grosso, State of Mato Grosso, Brazil; leader of the Study and Research Group on Work and Education (UFMT). E-mail: caetanoedson@hotmail.com.

## Introdução

O Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT), vem, desde 2011, desenvolvendo pesquisas empíricas junto aos povos e comunidades tradicionais e refletindo sobre a produção de sua existência, que se dá de forma alternativa à cultura do trabalho hegemônica (CAETANO, 2021).

No período compreendido entre agosto de 2021 e outubro de 2022, o GEPTE desenvolve o projeto de extensão “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedoras e benzedores do Quilombo de Mata Cavalu/Nossa Senhora do Livramento/MT”<sup>5</sup>. O projeto objetiva fortalecer e encorajar benzedoras e benzedores da comunidade quilombola de Mata Cavalu a reivindicar direitos, ocupar espaços e propor alternativas para o fortalecimento das práticas tradicionais de cura e cuidado por meio, especialmente, da criação da Associação de Benzedoras e Benzedores. Para tanto, foram mapeados os sujeitos da comunidade que desenvolvem saberes e fazeres ancestrais ligados ao ofício de ações tradicionais de cuidado e cura e saúde popular, e realizou-se um processo formativo por meio de oficinas na comunidade (CAETANO, 2021) embasadas na metodologia de pesquisa participante (BRANDÃO, 1984).

Neste texto, objetivamos identificar os sentidos possíveis para o uso das mídias digitais no contexto de compartilhamento de atuações tradicionais de cuidado e cura desenvolvidas pelo Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavalu. Para tanto, refletiremos acerca do processo de incorporação e utilização das tecnologias nas práticas cotidianas de saúde popular realizadas pelas participantes do referido Coletivo.

No sentido de possibilitar a utilização da tecnologia pelo Coletivo, foram realizadas oficinas, por meio da metodologia de pesquisa participante (BRANDÃO, 1984), na comunidade com os moradores que desenvolvem práticas tradicionais de cuidado e cura no âmbito da medicina popular.

Para Brandão (1984), pesquisar é participar. Conforme essa abordagem, procura-se conviver com o outro no seu mundo, no dia a dia, compartilhando a construção de saberes. A pesquisa participante é “uma das modalidades em que há um envolvimento dialógico e de destinação tão amplo quanto possível, e em que os ‘sujeitos pesquisados’ são também essencialmente coautores e coatores de todo o seu acontecer, sendo também os seus

---

<sup>5</sup> Projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Mato Grosso (FAPEMAT) por meio do Edital nº 003/2021 Extensão Tecnológica - Conhecimento a Serviço da População.

destinatários” (BRANDÃO, 2013, p. 5).

No transcorrer das oficinas ficou latente a necessidade de promover novas possibilidades de comunicação entre os participantes para organização das atividades a serem realizadas. As tecnologias e a autonomia digital das benzedeadas e benzedores seriam fundamentais para a consolidação desse objetivo, entretanto, seria imprescindível identificar e superar desafios tocantes aos tempos, espaços e lugares socioculturais em que os sujeitos estavam inseridos. Nesse texto, apresentamos reflexões acerca desse processo de incorporação e utilização das tecnologias nas práticas no âmbito do Coletivo.

### **Práticas tradicionais de cuidado e cura: materialização dos saberes tradicionais e da experiência**

Grande parte das pessoas adultas já buscou ou foi levada, enquanto criança, a uma benzedeadora em busca de cura para quebrante, mau olhado, espinhela caída ou outros males que acometem o corpo e a alma. São muitas as práticas de benzeção e maneiras de se benzer. Também é comum o uso de xaropes, chás, garrafadas, remédios que envolvem saberes de plantas e ervas com propriedades medicinais, que, para além da combinação entre as propriedades curativas produzidas de forma artesanal, há a combinação com uma poderosa fé e amorosidade de quem as produz. Esses são exemplos de condutas tradicionais de cuidado e cura, materializadas por meio da medicina popular, oriundas de saberes tradicionais e da experiência de quem as produz. Essas práxis são realizadas por aqueles que possuem um grande conhecimento sobre plantas, ervas e raízes que podem ser utilizadas para fins terapêuticos.

A busca por essas práticas tradicionais ocorre concomitantemente a outras opções para a obtenção da cura, como, por exemplo, a medicina convencional, configurando uma estratégia social, política e cultural que as pessoas podem utilizar em sua vida cotidiana. Essas ações são “a conquista e preservação de um espaço de resistência, uma demonstração de força, por pequena que ela seja, ao saber erudito” (OLIVEIRA, 1985, p. 68). Essa resistência se faz necessária em uma sociedade marcada por desigualdades e exclusão social entre dominantes e dominados, tornando-se atitudes sociais realizadas nas comunidades tradicionais, a partir da produção da existência orientada pela solidariedade e fraternidade. Como afirma Oliveira (1985), a medicina popular e os cuidados tradicionais de cuidado e cura “fazem parte de uma história, de uma cultura e, ao mesmo tempo, de um processo de

produção da vida [...] constitui um sistema próprio de cura, relativamente autônomo. É um ofício artesanal dentro de um modo de produção capitalista” (OLIVEIRA, 1985, p. 69).

É preciso considerar ainda que “esse ofício se coloca como um conjunto de saber-fazer específico, constituindo ele mesmo, simultaneamente, um ofício transformador, que se constrói e se recria permanentemente, mesmo à revelia do saber erudito” (OLIVEIRA, 1985, p. 74). Dessa forma, pode-se compreender, a partir da medicina popular, como os sujeitos são percebidos e representados, além de como participam da cultura popular. É preciso enxergar a medicina tradicional a partir de seus aspectos internos, ou seja, como ela é concebida, formulada, compartilhada e vivida pelos sujeitos, para que evitemos submetê-la a uma posição de inferioridade em relação à medicina convencional.

Para Oliveira (1985, p. 9), “a bênção é então um instrumento pelo qual homens produzem serviços e símbolos de solidariedade para si e para sujeitos da classe social da qual fazem parte”. Essas práxis, presentes no cotidiano, corroboram para a relação de cooperação e solidariedade entre as pessoas da comunidade, constituindo-se, pois, enquanto uma prática sociocultural.

O ofício das pessoas que se ocupam das atividades relacionadas ao cuidado e à cura se espelha muito em sua trajetória de vida; são modos diversos de benzer, de cuidar e de curar. Em que pese a diversidade anteriormente referida, persiste em comum o fato de se constituírem como práticas que têm como objetivo o alcance da saúde por meio de condutas de vocação religiosa, procurando oferecer respostas às doenças e às aflições a partir da bênção, que visa a cura do corpo e da alma. Essas práticas fazem parte de produções culturais de comunidades tradicionais que buscam estratégias distintas para resolver seus problemas, explicar a existência e lutar contra males que as acometem. Diante disso, as práticas tradicionais de cuidado e cura continuam a existir com autonomia e crenças da comunidade de sua positividade frente a outras formas de superação da doença.

Para Oliveira (1985), é imprescindível considerar que o ofício da benzedeira não deve ser visto apenas enquanto um trabalho que se constitui como um modo de curar utilizando símbolos religiosos, mas como um instrumento de intervenção no processo histórico-social, ainda que ela não seja realizada de forma consciente e crítica.

A ciência, por meio das condutas medicinais convencionais, busca novas concepções de doença, passando, estas, a serem vistas de modo distinto das práticas tradicionais de cuidado e cura. Desenvolve-se a cura de doenças com fármacos químicos, normatizações e protocolos para serem usados por médicos e instituições. Entretanto, o resgate e a

conservação das práticas tradicionais são fundamentais para assegurar o modo de ser e de reexistência que dá sentido às comunidades tradicionais.

### **Contextualizando o Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavallo**

De acordo com o Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil, criado por uma equipe técnica do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/Fiocruz), a comunidade quilombola de Mata Cavallo encontra-se localizada no estado de Mato Grosso, às margens da BR-MT 060, no município de Nossa Senhora do Livramento, situado a 50 quilômetros da capital Cuiabá.

Mata Cavallo ocupa um espaço geográfico de 14.622 hectares, divididos e organizados em seis comunidades: Aguaçu de Cima, Mata Cavallo de Cima, Ponte da Estiva (fazenda Ourinhos), Capim Verde (ou Mata Cavallo do Meio), Mutuca e Mata Cavallo de Baixo. Segundo dados do Programa Saúde da Família, a comunidade é composta por 174 famílias, totalizando 458 pessoas.

De acordo com estudos realizados por Maria de Lourdes Bandeira, as terras originais do Quilombo Mata Cavallo faziam parte da fazenda Sesmária Boa Vida e foram doadas pela antiga proprietária aos seus escravos. A partir de então, eles se tornaram livres e continuaram nas terras, plantando e colhendo para si. Outras áreas contíguas foram compradas e incorporadas ao Quilombo no final do século 19 (ICICT/FIOCRUZ, 2022).

O reconhecimento oficial da comunidade remanescente de quilombos se deu em 1999, pela certidão de autorreconhecimento emitida pela Fundação Palmares, que culminaria no processo de reconstrução identitária e fundiária da comunidade, e na titulação, em 2000, de 11,7 mil dos mais de 14 mil hectares identificados posteriormente pelo Incra como área remanescente do quilombo (ICICT/FIOCRUZ, 2022).

O Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavallo surge a partir do mapeamento social realizado no ano de 2021 em busca de todos/as os/as moradores e moradoras que exerçam práticas tradicionais de cuidado e cura e de saúde popular em suas distintas modalidades/denominações, entre elas: benzedeadas e benzedores, remedeadas e remedeados<sup>6</sup>, raizeiras e raizeiros, garrafeiras e garrafeiros<sup>7</sup>, parteiras<sup>8</sup>, costureiras e costureiros de rendiduras ou machucaduras<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> As remedeadas e os remedeados são também conhecidos/denominados raizeiras e raizeiros. Ambos são portadores de saberes acerca dos usos e manipulações de plantas, ervas, raízes e cascas, e indicam a utilização delas como remédios associados a propriedades terapêuticas e à religiosidade.

Sua denominação surge da proposição dos próprios participantes que entendem que o Coletivo contempla a participação de sujeitos com diversos “saberes”, como citado acima, que precisam ser valorizados em suas especificidades. Tendo em vista que esses saberes são colocados em práticas socioculturais, são realizados também os “fazeres” em busca de cuidado e cura, pautados em uma medicina popular e tradicional, materializados em rezas, benzeções, chás, raízes, garrafadas, entre outros. Podem participar do Coletivo moradores do Quilombo de Mata Cavallo que exerçam saberes e práticas ancestrais ligadas ao ofício de fazeres tradicionais de cuidado e cura e saúde popular.

As práxis tradicionais de cuidado e cura envolvem orações, bênçãos, benzimentos, cuidados com remédios naturais diversos, podendo existir práticas ou condutas diferentes entre as pessoas que as veiculam, pois estão relacionadas aos princípios, fundamentos e finalidades diversas.

O Coletivo foi composto inicialmente pelos moradores do Quilombo que desempenham práticas tradicionais de cuidado e cura e medicina popular e que foram identificados no mapeamento realizado pelo projeto “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedoras e benzedores do Quilombo de Mata Cavallo/Nossa Senhora do Livramento/MT”, desenvolvido pelo GEPTE/UFMT. Foram mapeadas 16 mulheres e 6 homens, residentes em cinco comunidades, sendo elas: Mata Cavallo de Baixo, Mata Cavallo de Cima, Mutuca, Aguaçu e Estiva. Na imagem 1, apresentamos um mapa com a localização dos mapeados dentro da comunidade.

A imagem que se tem das pessoas que praticam tais ofícios, principalmente benzedoras, é descrita por Oliveira (1985) como “geralmente é a de que seja uma mulher, casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria” (OLIVEIRA, 1985, p. 25). Entretanto, a autora assevera que é preciso considerar que “ela é tudo isso e um pouco mais. Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito

---

<sup>7</sup> As garrafeiras e os garrafeiros detêm saberes tradicionais sobre plantas e ervas medicinais e as utilizam no preparo de remédios para várias doenças e males, a partir de técnicas de manipulação não convencionais e que são acondicionados em garrafas comercializadas em suas residências ou feiras.

<sup>8</sup> O ofício da parteira consiste em dar suporte físico e emocional a outras mulheres antes, no transcórrer e após o parto e é disponibilizado por mulheres que não são formadas em medicina. Existem várias denominações para o ofício de parteira, tais como: aparadeira, parteira leiga, obstetrix, comadre etc.

<sup>9</sup> O trabalho de costureira e costureiro de rendiduras ou machucaduras consiste na efetivação de simpatias, objetivando a cura de dores provenientes de carnes e músculos rasgados, nervos torcidos e machucaduras. O processo de cura se dá por meio da costura de um pano (geralmente branco) que representa o local do corpo lesionado.

peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular” (OLIVEIRA, 1985, p. 25).

No Quilombo de Mata Cavallo, no âmbito do Coletivo Saberes e Fazeres Curativos, tais ações não estão restritas a mulheres; os homens também desempenham práticas de cuidado e cura.

**Imagem 1** - Localização dos mapeados no Quilombo de Mata Cavallo



Fonte: Os autores, a partir dos dados da pesquisa (2022).

O Coletivo foi fundado no mês de outubro de 2021, inicialmente formado pelos participantes mapeados e apresentados na Imagem 1. Desde então, foram realizadas reuniões presenciais para discussões sobre sua constituição, atividades colaborativas, aprendizagem sobre diversos temas e trocas entre os participantes. Entretanto, com o transcorrer do tempo e devido à constituição da vida de cada participante, alguns se mudaram do quilombo para outra localidade (nº 4, 18, 20) ou mudaram de religião – o que os fez abandonar a realização de tais práticas (nº 10), logo, deixaram de participar do Coletivo. Outros, devido a atividades laborais (nº 9, 11, 21) não conseguem participar das atividades presenciais do Coletivo, mas continuam desenvolvendo as práticas de cuidado e cura tradicionais. Após esse mapeamento inicial, novos participantes manifestaram interesse em ingressar no Coletivo (nº 23, 24). Diante disso, atualmente 10 participantes frequentam as ações do coletivo.

**Tabela 1** – Participantes do Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavalo

Nº	Idade	Sexo	Religião	Modalidade do Ofício	Comunidade	Residente Quilombo desde
1	64	F	Católica	Raizeira, chás	Mata Cavalo de Baixo	1990
2	61	F	Católica	Benzedeira	Mata Cavalo de Baixo	2000
3	63	F	Católica	Raizeira, xaropes, chás	Mata Cavalo de Baixo	1996
5	55	F	Católica	Benzedeira, raizeira, chás	Estiva	2015
13	59	F	Evangélica	Raizeira, garrafeira, erveira	Mata Cavalo de Baixo	2000
14	61	F	Católica	Raizeira, benzedeira, garrafeira	Mata Cavalo de Baixo	1991
16	74	F	Católica e Umbandista	Benzedeira, Mãe de Santo, garrafeira	Mata Cavalo de Baixo	1976
22	67	F	Católica e Evangélica	Erveira, garrafeira, chás	Mata Cavalo de Cima	1996
23	56	F	Católica	Erveira, garrafeira	Mata Cavalo de Baixo	2021
24	62	F	Católica	Garrafeira	Mata Cavalo de Baixo	2021

Fonte: Os autores, a partir dos dados da pesquisa (2022).

Como observado na Tabela 1, participam do Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavalo 10 mulheres, residentes em três comunidades do Quilombo (Mata Cavalo de Baixo, Estiva e Mata Cavalo de Cima), com idade entre 55 e 74 anos e que praticam diversas modalidades de ofício de cuidado e cura no âmbito da medicina popular.

Oliveira (1985, p. 31) assevera que “o modo como cada profissional encaminha sua bênção revela a sua formação religiosa e sua visão de mundo, da qual a sua bênção é uma das expressões”. Ressalta-se que essa formação religiosa não é oriunda apenas do catolicismo. A partir da pesquisa de campo realizada por Oliveira (1985, p. 31), são encontradas seis modalidades religiosas de benzedeiras: “católica, corrente católica, crente, kardecista, umbandista e esotérica. Deve haver muitas outras modalidades religiosas de profissionais populares da benção”. No Quilombo, encontramos práticas tradicionais de cuidado e cura e de saúde popular por praticantes das religiões católica, evangélica e umbandista, como evidenciado na Tabela 1.

O Quilombo possui uma ampla extensão territorial; são mais de 11 mil hectares (110.000 m<sup>2</sup>), o que exige que os participantes do Coletivo percorram grandes distâncias para

se encontrarem presencialmente. Muitos não possuem veículos e dependem do ônibus escolar para se deslocarem até a Casa de Cultura, que se localiza no terreno da escola da comunidade, local em que são realizados os encontros presenciais. Além disso, diante das restrições sanitárias e orientações quanto ao distanciamento social imposto devido à pandemia de Covid-19, em diversos momentos houve o receio de realizar encontros presenciais para manter os participantes em segurança. Diante disso, para que os participantes pudessem permanecer em contato, sem a necessidade desses deslocamentos e encontros presenciais, pensamos em encontrar novas formas de comunicação, utilizando as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Levamos ao Coletivo essa discussão para que eles pudessem identificar tais possibilidades de organização. Apresentamos na próxima seção desse texto uma contextualização teórica sobre a utilização das TIC no contexto atual e reflexões sobre o processo de incorporação no âmbito das ações do Coletivo.

### **Possibilidades e contradições presentes na utilização das mídias digitais no Coletivo**

O estudo Digital 2021, publicado em parceria com a *We Are Social e Hootsuite*, divulgado em março de 2021, revelou que 5,22 bilhões de pessoas utilizam telefone celular, o que equivale a 66,6% da população total do mundo. Em relação ao acesso à internet, o número de conexões móveis é de 4,66 bilhões de pessoas, o que equivale a 59,5% da população mundial (KEMP, 2021).

No Brasil, a pesquisa TIC nos domicílios, de 2020, mostra que possuem mais domicílios com acesso à internet em comparação ao estudo realizado anteriormente, com um total de 83%. Na região Centro-Oeste, o total de domicílios com acesso à internet é de 81%. Entretanto, se observarmos o acesso à internet por classe social, identificamos que as classes C e D (91% e 64%, respectivamente) possuem índices bem abaixo das classes A e B (100% e 99%, respectivamente). Mesmo com o aumento da proporção de usuários de internet em relação aos anos anteriores, o que mostra que o acesso vem aumentando, as desigualdades persistem, já que classes mais altas, com maior escolaridade e mais jovens possuem maiores proporções de usuários de internet (CGI.BR; CETIC.BR; NIC.BR, 2020).

As constatações extraídas da referida pesquisa permitem inferir a existência, ainda, de uma lacuna que envolve a questão do acesso à internet e às TIC, em razão de condições socioeconômicas e geográficas. Diante dessa desigualdade, existem iniciativas que buscam alternativas para a inclusão digital. Mori (2011) apresenta três vertentes distintas no que se refere à compreensão do que seja a inclusão digital. A primeira é em relação ao acesso, ou

seja, consiste na condição do usuário em obter infraestrutura, bens e serviços que garantam que ele consiga utilizar as TIC. A segunda é acerca da alfabetização digital; nessa compreensão, busca-se proporcionar aos sujeitos habilidades de utilização dos artefatos e serviços para que tenham condições de utilizar a infraestrutura. A terceira vertente consiste na apropriação de tecnologias, em que, além do acesso e da compreensão sobre a utilização das TIC, os usuários devem desenvolver uma compreensão de como se apropriar dos recursos para “reinventar seus usos e não se constituírem como meros consumidores” (MORI, 2011, p. 40).

Nossas pretensões de estabelecer relações sociais com o apoio das TIC estão muitas vezes enviesadas pela realidade social da universidade ou do contexto social dos pesquisadores, os quais, em sua maioria, possuem aparelho de telefone, computador e acesso à internet. Esqueçemo-nos que o mundo digital, com todas as suas vantagens, não se encontra ao acesso de todos, contribuindo cada vez mais para marcar a diferença entre a exclusão social e a igualdade de oportunidades.

A cultura das redes pressupõe “desconstrução e reconstrução contínuas”, numa “organização social que vise a suplantação do espaço e invalidação do tempo” (CASTELLS, 2002, p. 565). Entretanto, quando observamos o contexto de pesquisa em que estamos inseridos, tal cultura de redes poderia excluir ainda mais os sujeitos, tendo em vista sua realidade social. O quilombo de Mata Cavalo está localizado na Zona Rural do município de Nossa Senhora do Livramento em Mato Grosso e no âmbito do Coletivo Saberes e Fazeres Curativos. Dentre os participantes, 5 (25%) não possuem telefone celular; 6 (30%) possuem apenas telefone para ligações sem possibilidade de utilização de aplicativos de comunicação instantânea via internet, como, por exemplo, o *WhatsApp*; 9 (45%) possuem aparelho celular com *WhatsApp*, entretanto, alguns dependem do acesso à internet em lugares externos, não tendo conexão sem fio em suas residências. Somente 2 (10%) participantes possuem conta na rede social *Facebook*.

Na busca pela compreensão de como ocorre a comunicação, percebemos o poder da comunicação face a face e em forma de recados; identificamos tal fato na fala de uma participante: “aqui, a gente é o seguinte, às vezes um precisa de alguma coisa ou um favor ou precisar ligar pra alguém, de um passa pra outro, manda dizer: fala pra eles que isso ou então manda alguém de bicicleta [...] é, porque muita gente num tem celular” (N.13).

O uso de TICs como agentes globalizantes ainda é dependente da espacialidade fixa do mundo real – os pontos de acesso, a fisicalidade e a materialidade dos fios. Além disso, existe um mundo entre as TICs e o

ciberespaço na forma de outras infra-estruturas, redes sociais face-a-face, trabalhadores capacitados, acesso a materiais e mercados globais e locais. Em outras palavras, embora as TICs trabalhem para destruir as relações espaço-temporais, para 'desespacializar' as relações sociais, outras práticas espaciais, formas e forças trabalham contra esse enfraquecimento. (DODGE; KITCHIN, 2001, p. 14-15).

Entretanto, os participantes perceberam que a criação de um grupo de *WhatsApp*, mesmo não alcançando a todos, poderia contribuir para a comunicação entre os participantes. Assim, N.2 fez a seguinte sugestão: “a gente pode, não sei se vocês concorda comigo, a gente faz o grupo praqueles que tem *WhatsApp*, a gente cria uma lista com número de telefone de todo mundo que não tem *WhatsApp* se precisar ligar”.

Percebemos no contexto de criação do grupo uma preocupação com os colegas que não possuem telefone e com aqueles que não têm aparelho com compatibilidade para instalação do aplicativo. Isso fica evidente na fala de N.5 ao afirmar que “é interessante a ideia do grupo, mas aí quem tá mais próximo do outro, até eu mesma, eu vou lá e aviso. Aviso, passo recado para quem não tá no grupo”. Embora vivenciando uma situação de exclusão digital, os participantes são acolhidos pela comunidade e fica estabelecida uma relação de solidariedade entre eles.

E assim foi criado o grupo de *WhatsApp*, no qual os integrantes do Coletivo ficam à vontade para conversarem, postarem receitas, orações, preparos de ervas, xaropes e chás, recados sobre os encontros presenciais e demais assuntos de interesse. No grupo, a maioria das mensagens trocadas entre os participantes se dá por meio de áudio, pelo fato de grande parte dos participantes ser analfabeta ou semianalfabeta, assim, houve a necessidade de encontrar mecanismos para a acessibilidade de tais participantes.

Identificamos como vertente de inclusão digital das práticas realizadas no quilombo a apropriação de tecnologias. Rodriguez (2006, p. 38) define como apropriação:

a capacidade de tomar para si, de assimilar e, ampliando um pouco mais esta concepção, de compreender e transformar, estabelecendo quais usos o objeto apropriado pode ter e quais são os efeitos que este uso acarretará para si e para o grupo. É um movimento que acontece em um processo dinâmico, que pode envolver momentos de adaptação e reinvenção de significados.

A apropriação no contexto do quilombo tem como significado romper as distâncias que impedem os sujeitos de se comunicarem mais intensamente, e essa interação é importante na construção de ações no âmbito do Coletivo, bem como no fortalecimento de suas redes de

relações afetivas. Cabe salientar que não são desfeitas relações face a face e não se impõe uma exclusão àqueles que não têm as mesmas condições de acesso.

A maneira como se estabelecem as relações de comunicação no âmbito das tecnologias aponta para uma inclusão digital que não corrobora com certos mecanismos produtores de exclusão. Ressaltamos nesse contexto a posição dos participantes que assumem o uso das tecnologias não tendo em vista demandas tecnológicas e sociais impostas pela necessidade de consumo, mas foram estabelecendo-o conforme suas necessidades e suas possibilidades.

Corroboramos com Buzato (2008, p. 341), que afirma sobre a necessidade “de trazer os assim chamados ‘excluídos’ para a posição de sujeitos (e não objetos) da sua própria ‘inclusão’, pelo reconhecimento de que os usos das TIC são formas de sua produção (e não apenas de seu consumo)”.

Assim, embora a ideia de que os grupos subalternos produzem seu cotidiano (e não apenas são produzidos por ele) permaneça válida, a delimitação dele não pode mais ser pensada em termos de um espaço geográfico absoluto [...]. A compressão do espaço-tempo, a dinâmica intercultural, a voracidade dos fluxos de informação, produtos, pessoas e formas simbólicas típicos da sociedade em rede (e da globalização) são fatores que os investigadores têm, cada vez mais, que considerar. (BUZATO, 2008, p. 342).

Nas discussões sobre os usos das tecnologias, deparamo-nos com o seguinte relato: “Quer ver, olha só, eu tô num grupo de trocas e, é, trocas de mudas e sementes, nesse grupo, surgiu uma pessoa que falou assim ‘gente eu não tenho nada [...], eu preciso de remédio, eu preciso de alguma coisa’ e aí todo mundo começou a mandar, o pessoal manda pelo Correio” (N.13). Essas trocas e movimentos de solidariedade já ocorrem no âmbito da comunidade de forma presencial, face a face, mas também extrapolam os limites geográficos locais, como expôs a participante N.13: “as pessoas ligam pra mim e falam: ‘Jacira eu tô com problema assim, assim e assim’. Aí eu já, já escuto aquela fala ali e a gente vendo o que que ela fala, o que que a pessoa tá sentindo, já sei o que que eu vou preparar pra ela, pro tratamento dela”. Complementando, N3 também afirma que orações são realizadas para pessoas que se encontram distantes da comunidade, afirmando que “nós fazemos muitas orações, muito dos nossos queridos amigos e colegas que tava enferma, nós unimos e oramos, mesmo sem tá ali junto” (N.3).

No decorrer das discussões, os participantes perceberam que os saberes e as práticas desenvolvidos por eles já extrapolam os limites geográficos da comunidade e o quanto isso

pode ser importante em um processo de reconhecimento dos seus saberes e fazeres. São apresentados exemplos de outros Coletivos que já possuem constituídas práticas de benzimentos virtuais, de divulgação de ações de solidariedade, de produtos, entre outros. Sobre esses coletivos que desenvolvem condutas virtuais, N.13 comenta que:

Eu acho muito interessante, esses dias tava até comentando com alguém, com as colegas assim que, o fato do grupo, pelo grupo, né, cê pode pidi oração, que eles manda, você envia mensagem com uma indicação tipo ‘ah preciso de um chá’, eles também ajuda a indicar esses chás e oração pra família, você coloca um sobrenome da sua família, o nome da sua família, pai, mãe, irmão. Agora tá chegando o Natal, eles já começaram a colher esses nome, cê coloca lá e aí eles fazem, né, essa, essa prece, essa oração através do nome que você colocou lá.

Na atualidade, há grupos de benzedoras e benzedores que têm desenvolvido a prática de benzimento virtual, por meio de páginas do *Instagram*, *Facebook* e até mesmo pelo *YouTube*. Integrar as benzedoras e benzedores de Mata Cavalo a essa técnica pode levar o ofício para diversas regiões, atingindo pessoas que estejam necessitando de acesso a benzimento, como também se constitui em uma forma de revitalizar esses benzedores e benzedoras que, muitas vezes, não têm acesso a tal prática, ficando restritos ao isolamento domiciliar, que quase sempre impossibilita os benzimentos. Tais ações também poderiam dar visibilidade ao Coletivo e a sua conexão com demais pessoas e localidades, contribuindo com a sua identificação e heteroidentificação.

A prática de benzimentos virtuais se desenvolveu especialmente durante a pandemia de COVID-19, demandada, por um lado, pela necessidade de benzedoras desenvolverem seu ofício e, por outro, pela carência das pessoas por benzimentos diante de tanta dificuldade e tristeza geradas pela pandemia.

Entretanto, percebemos a dificuldade de as benzedoras e benzedores de Mata Cavalo se comunicarem com o mundo externo, dada a carência tecnológica por vezes enfrentada pela comunidade. Essa dificuldade pode ser evidenciada na fala de N.13:

Bom dia, bom dia, povo de Deus, faz dias que não respondo, estava sem wi-fi aqui, tava sem internet, aí estava com saudade de comunicar com todos aí, um grande abraço para todos do nosso grupo, que Deus abençoe, muita luz, muitas energias, saúde e proteção a todos, um beijo de coração para todos vocês.

Mesmo diante dos empecilhos, percebemos o interesse do Coletivo em expor seus trabalhos e comercializar alguns produtos que poderiam contribuir com a renda do Coletivo e

de seus integrantes. Diante disso, a equipe da universidade que coordena o projeto contribuiu com a abertura da página no *Facebook* para que as ações fossem divulgadas, conforme a Imagem 2.

**Imagem 2** – Página do Facebook do Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavallo



Fonte: [https://www.facebook.com/Coletivo-Saberes-e-Fazeres-Curativos-do-Quilombo-de-Mata-Cavallo-108101291756634/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/Coletivo-Saberes-e-Fazeres-Curativos-do-Quilombo-de-Mata-Cavallo-108101291756634/?ref=page_internal)

Entendemos que o desenvolvimento da inclusão digital desses sujeitos pode também auxiliar como elemento de desenvolvimento econômico social, como um recurso para a solução de problemas sociais, e, conseqüentemente, com a garantia de direitos e de cidadania.

Finalizamos com a fala de N3, que, em um áudio no *WhatsApp*, diz:

Bom dia, minhas amigas, amigos, que Deus ilumina seus caminhos, seus dias, que Deus abençoa, tão animadas? Janeiro está aí, vamos que vamos,

colhem bastante planta pra nós todos, para janeiro termos muito mudas mais para plantar. Fiquem com Deus, tenham um bom almoço.

E assim, entre desafios e possibilidades, o Coletivo continua avançando em seu fortalecimento, tendo, de um lado, o apoio daqueles que conhecem a luta dessas pessoas invisibilizadas pelo poder público e pela população em geral, e que com o desenvolvimento do projeto ensejam contribuir com a transformação social daquele espaço; e, do outro, pessoas determinadas em fazer o bem, com amor, solidariedade e que continuam resistindo às diversas formas de exclusão.

### **Considerações finais**

A constituição do Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavalo se consolida como um espaço para tirar as pessoas da individualidade e invisibilidade social e para que elas passem a se relacionar com outros sujeitos de sua comunidade que exercem práticas e possuem perspectivas próximas em relação às práticas de cuidado e saúde popular.

O Coletivo se constitui como um espaço de troca de saberes, experiências e apoio pautado na solidariedade e amorosidade com o próximo e com o mundo que o cerca. Existe um respeito à coletividade, às diferentes práticas e às dificuldades enfrentadas pela comunidade que é marcada pela exclusão social, pelo abandono e pelo preconceito, mas que em união procura, a cada dia, superar essas adversidades conforme suas possibilidades.

Vislumbramos no âmbito da execução do projeto que o uso do celular poderia contribuir para a comunicação mais ágil entre os participantes do Coletivo, que, por estarem localizados em um espaço de uma comunidade rural, precisam percorrer longas distâncias para se encontrarem ou para se comunicarem.

Nas oficinas realizadas, os integrantes do Coletivo perceberam que o uso do celular poderia ser benéfico, entretanto, deveriam (re)pensar formas de utilização diante das possibilidades da comunidade e dos participantes, que já sofrem muita exclusão na sociedade, e consideraram inadmissível que o espaço do Coletivo se tornasse mais um desses espaços.

Assim, o uso do celular não rompeu as relações face a face, e foram criadas estratégias e possibilidades para que a inclusão digital daqueles que possuem recursos não contribuísse para a exclusão daqueles que não possuem. Além disso, o uso do celular deveria estar pautado não apenas no consumo, mas também na criação do seu cotidiano de forma a contribuir com as ações do Coletivo.

Reafirmamos a contribuição da pesquisa participante e do desenvolvimento do projeto de extensão “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedoras e benzedores do Quilombo de Mata Cavalu/Nossa Senhora do Livramento/MT” para que esses sujeitos vislumbrem perspectivas de valorização dos seus saberes e práticas muitas vezes desconsiderados.

## Referências

- BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (org.). **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 21-54.
- BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BUZATO, M. E. K. Inclusão digital como invenção do cotidiano: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 38, maio/ago. 2008. Doi: 10.1590/S1413-24782008000200010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/SX9HjQZNmbGBgKnf33dxv4t/?lang=pt>. Acesso em: 21 fev. 2021.
- CAETANO, E. Ao lado dos povos e comunidades tradicionais: o GEPT e a Epistemologia do Bem Viver. In: SÁ, E. F.; ANDRADE, D. B. S. F.; RIBEIRO, M. T. D. (org.). **Memória, pesquisa e impacto social: o percurso formativo do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMT**. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2021. Disponível em: <https://tantatinta.com.br/wp-content/uploads/2021/11/CARLINICANIATO-Elizabeth-Figueiredo-de-Sa%CC%81-HISTO%CC%81RIAPESQUISA-E-IMPACTO-SOCIAL-e-book.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CGI.BR; CETIC.BR; NIC.BR. **TIC Domicílios 2020: lançamento dos resultados**. 2020. Disponível em: [https://cetic.br/media/analises/tic\\_domicilios\\_2020\\_coletiva\\_imprensa.pdf](https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2020_coletiva_imprensa.pdf). Acesso em: 21 fev. 2021.
- DODGE, M.; KITCHIN, R. **Mapping Cyberspace**. London; New York: Routledge, 2001. Disponível em: <https://personalpages.manchester.ac.uk/staff/m.dodge/Mapping-Cyberspace-book-digitised-2017.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- ICICT FIOCRUZ. **Mapa de conflitos: injustiça ambiental e saúde no Brasil**. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/mt-comunidade-quilombola-de-mata-cavalu-apesar-da-conquista-da-titulacao-ainda-expulsa-e-sob-ameacas/>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- KEMP, S. Digital 2021: Global Overview Report. **DataReportal**, [s. l.], 27 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report>. Acesso em: 21 fev. 2021.

MORI, C. K. **Políticas públicas para inclusão digital no Brasil: aspectos institucionais e efetividade em iniciativas federais de disseminação de telecentros no período 2000-2010.** 2011. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/10560>. Acesso em: 21 fev. 2021.

OLIVEIRA, E. R. **O que é benzeção.** São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos v. 142).

RODRIGUEZ, C. L. **O movimento de apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) por adultos escolarizados em exercício de sua profissão: um estudo com agentes comunitários de saúde.** 2006. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/419386?guid=1665774243063&returnUrl=%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1665774243063%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d419386%23419386&i=1>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Submetido em 29 de março de 2022.

Aprovado em 27 de maio de 2022.